

REVISTA

ANO X N° 97
EXEMPLAR GRATUITO

APLAUSO

Guia de teatro

Jornal do Teatro
Em Cartaz
André Paes Leme
Ary Coslov
Cláudio Tovar
Eriberto Leão
Esther Góes
Flávio Marinho
Gustavo Gasparini
João Falcão
Jorge Maya

Todo mundo é mundo

Integrantes da Cia Aplauso contam suas histórias

A dramaturgia de um mestre

“ Comecei minha carreira no teatro em 1963. Ao longo de todos esses anos, participei como ator ou diretor de peças de grandes autores, como Shakespeare, Molière, Gorki, Garcia Lorca, Lillian Hellman, Slawomir Mrozek, Arthur Miller, Joe Orton. Mas sempre tive o desejo de dirigir um trabalho de Harold Pinter.

Li seus textos, vi muitos filmes com roteiros assinados por ele e assisti a diversas montagens de suas peças. Sempre tive a certeza de que ele era um autor especial e único. Prêmio Nobel de Literatura de 2005, Pinter é atualmente considerado o maior dramaturgo do mundo.

Traição é uma peça emblemática em sua obra, porque ali estão presentes seus grandes temas, como a passagem do tempo, a memória, a iminência do desastre, a ambigüidade, o humor e a ironia, além da elegância. Talvez seja, de todas as suas peças, a que mais facilmente se comunica com o público. Pinter tem fama de ser um autor “difícil”, já foi associado ao teatro do absurdo, comparado a Kafka e Beckett, mas agora se sabe que ele é simplesmente Pinter. Não existem comparações.

Mesmo com uma ação desenvolvida de trás para frente, mesmo com vários níveis de leitura, mesmo com pausas e silêncios que às vezes chegam a incomodar – e são para isso mesmo! –, *Traição* consegue uma admirável comunicação com a platéia, basicamente por tratar de um tema que diz respeito a todo mundo: as dificuldades das relações afetivas. A peça fala, sobretudo, dos problemas que as pessoas enfrentam para estabelecer relações afetivas estáveis, sejam marido e mulher, amantes ou mesmo amigos. E Pinter trata o assunto como um mestre, um mago, prendendo a platéia, como disse Barbara Heliodora em sua crítica, como se fosse vítima de um “encantador de serpentes”.

Uma obra-prima. ”

Ary Coslov, novembro de 2008



Pólo teatral

O Catete acaba de receber novos espaços dedicados ao teatro. Em outubro, *Adoro Mozart*, da Companhia EnsinoemCena, inaugurou o Teatro Pinheiro Guimarães, com 70 lugares, na Rua Silveira Martins. A poucos metros dali, em um sobrado da Rua Pedro Américo, está a sede da Cia Teatro da Transcendência, onde até dezembro fica em cartaz o espetáculo *Soh*. Vale conhecer!

Machado em cena

Após apresentar *Contando Machado de Assis* em Portugal, dentro das comemorações pelo centenário de morte do escritor, o ator José Mauro Brant volta a encenar a peça no Centro Cultural Justiça Federal. Reunindo os contos *Missa do Galo* e *Mariana* e o romance *Dom Casmurro*, a montagem foi concebida por Brant e pelo diretor Antonio Gilberto para fechar a trilogia de solos que já mostrou Goethe e Garcia Lorca.

Piovani para adultos

Depois de anos dedicando-se ao teatro infantil, Luana Piovani sobe ao palco da Sala Marília Pêra, no Leblon, com o monólogo *Pássaro da Noite*, de José Antônio de Souza, sob a direção de Marcus Alvisi. O clima onírico, presente em *Alice no País das Maravilhas* e *O Pequeno Príncipe*, suas incursões teatrais anteriores, mantêm-se no novo espetáculo, que trata de uma mulher em situação de total solidão, prisioneira de grades invisíveis.

Quase uma matinê

O Teatro Ipanema inicia o projeto Teatro Depois da Praia, com sessões às 18h de domingo. A comédia *Sempre Vale a Pena*, de Maria Fernanda Gurgel, com direção de Márcio Vieira, é a primeira a ocupar o horário alternativo, que tem tudo para fazer sucesso no verão carioca.

Gustavo Gasparani

A primeira idéia

“Sou ator há exatos 26 anos. Achava que esta seria a minha única função no teatro. Nunca havia pensado em escrever, um desejo que foi surgindo aos poucos, principalmente nos processos de criação dos espetáculos da Cia dos Atores. E sempre que essa vontade aparecia, procurava espantá-la para bem longe. Afinal, já fazia coisas demais!

Foi nos ensaios do espetáculo *O Rei da Vela*, de Oswald Andrade, que senti o impulso ficar quase incontrolável. Durante as improvisações com Drica Moraes, minha eterna incentivadora, ela dizia que a forma como o meu texto saía da boca não era “coisa de ator” e, sim, de “autor”. Assim surgiu meu primeiro musical, *Otelo da Mangueira*. Fiquei completamente solitário, não comentava com ninguém o que estava fazendo. Depois, aquela solidão se transformou num espetáculo que envolveu mais de 60 profissionais. Viajei durante dois anos, conheci lugares, pessoas e relações se estabeleceram para sempre. E tudo começou com uma *primeira idéia*, que a princípio



Gasparani: autor, produtor e um dos atores de *Opereta Carioca*

é só do autor, mas logo vira do diretor, dos outros atores, dos técnicos.

Este ciclo não tem ponto final, está sempre em transformação. Agora, com minha mais nova *primeira idéia*, o musical *Opereta Carioca*, a história se repete. Talvez por ser ator e produtor dos espetáculos que escrevo, fica muito claro que o mais bonito desta minha mais nova função dentro do teatro é a possibilidade de agregar, de provocar encontros, de ser provedor. E como bom filho de Oxossi, isso me dá enorme prazer. Na verdade, aqueles instantes de solidão da *primeira idéia* nada mais são do que o início de uma grande gira, no qual muitos talentos irão se misturar e se somar em prol de um espetáculo. E é muito bom poder dar este *start!*”

TUDO MUNDO É MUNDO



A Cia Aplauso conta sua trajetória em espetáculo criado pelo próprio grupo

Por Olga de Mello



A história de cada um, suas semelhanças, sofrimentos, alegrias e sonhos. Com um texto baseado nas experiências de seus integrantes, a Cia Aplauso apresenta seu novo espetáculo *Todo mundo é mundo*, que fará temporada, às sextas-feiras e sábados de novembro no Galpão Aplauso, na Zona Portuária. “É o momento de valorizar realizações, solidariedade, união e também as raízes de cada um desses jovens. O Galpão é a casa deste grupo de teatro, é onde eles passam a maior parte de seus dias, um espaço privilegiado que tem importância no processo de formação social e artística deles”, diz Gilberto Gawronski, diretor do espetáculo. A supervisão geral é de Wilson Cunha.

A idéia

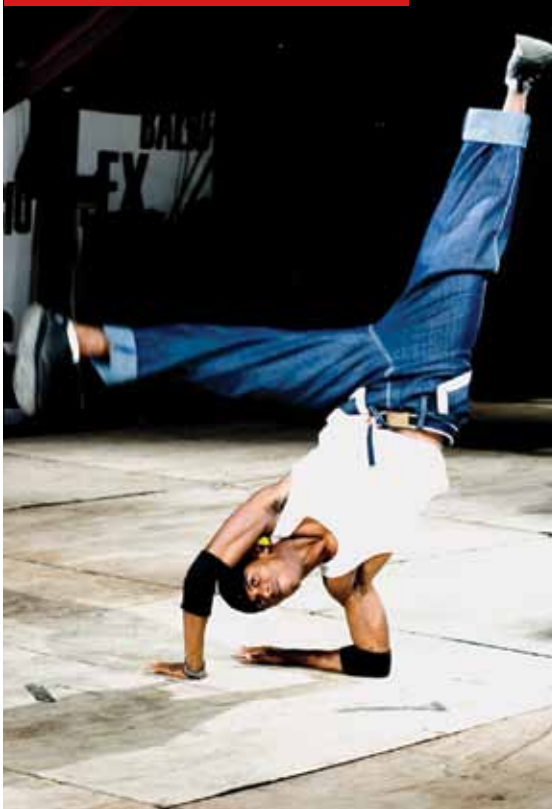
A mais autoral das cinco peças montadas pela companhia, *Todo Mundo é Mundo*

>>



Quem são eles?

Criada em 2005, a Companhia Aplauso é formada por 50 jovens que participaram de oficinas de circo, teatro, dança, música e artes plásticas no Galpão Aplauso. Com patrocínio da Petrobras e apoio da Prefeitura do Rio e das Docas, o grupo já produziu *5 x Rodrigues & Rodrigues*, *Amazônia, vida e mistério* e *O Mambembe*, tendo saído em turnê pelo Nordeste do Brasil e pela Alemanha. O último espetáculo, apresentado no Espaço Cultural Sérgio Porto, foi *Nossa Odisséia*, que misturava as aventuras de Ulisses com as dos integrantes do grupo.



>> conta a história dos jovens de diferentes comunidades cariocas que participam da Cia Aplauso, depois de selecionados para ingressar em cursos e oficinas do projeto Talentos da Vez. Sob orientação do dramaturgo João Batista e do músico Rodrigo Braga, os textos e canções foram tomando forma em um processo de quatro meses até alcançar o formato final do espetáculo. Uma banda de nove músicos toca ao vivo as canções, interpretadas por quatro cantores.

“Nós queríamos imprimir uma estética urbana, porque este trabalho é calcado no universo deles. A partir do projeto da Cia Aplauso, eles passaram a reconhecer diferenças entre a arte que toma a cidade e os atos que desmerecem o meio onde se vive. Eles percebem hoje que existe uma diferença entre o *grafitti* e a pichação. É um grupo em que a musicalidade e a resposta física se destacam, e que também tem uma sintonia com os jovens de um mundo globalizado, seja pela forma de se vestir como pelo comportamento”, diz Gilberto Gawronski.

O local

A temporada no Galpão Aplauso, diz o diretor, faz parte da valorização do espaço onde a percepção da arte é parte integrante da rotina dos jovens artistas e de suas próprias trajetórias. “E isso também pode contribuir para o esforço que se tem feito

em prol da revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro”, lembra.

Todas as oficinas profissionalizantes que funcionam no Galpão Aplauso – serralheria, solda, carpintaria, figurino, iluminação, áudio e artes visuais – contribuíram para criar a ambientação do espetáculo.

Os protagonistas

Em *Todo Mundo é mundo* os atores são protagonistas do enredo que mostra as reações que suas decisões provocam no meio onde vivem. Às vezes são as famílias que insistem para que os jovens participem do projeto, a fim de se manterem ocupados, em outras os pais duvidam da aptidão artística do filho. “Quando a gente decide fazer da arte uma profissão, os pais se assustam. Para muitos, o projeto é apenas algo que impede o filho de se dispersar ou de andar em más companhias. No momento em que se torna uma opção para a vida inteira, vem o medo. Afinal, artista ganha pouco e nem todos conseguem sobreviver de teatro”, diz Tiago Felício, 23 anos.



Acontece no Galpão

As melhores idéias costumam acontecer na mesa de um bar. Muitas não chegam a ver a luz do dia, outras vingam. *Todo mundo é mundo*, o novo desafio da Cia Aplauso, é uma destas idéias. O resultado aqui está: texto, música e letras, todos os elementos flagram o atual estágio da Cia Aplauso – visto por seus componentes. Mais que nunca, temos aqui uma explosão de vitalidade, de energia, esta alegria que nos faz, apesar de todas as crises, apesar de todos os percalços, acreditar sempre na força transformadora da juventude brasileira, na força do Brasil. Aconteceu, e acontece, no Galpão.

Wilson Cunha,
supervisor geral do espetáculo





>> As histórias

Os sacrifícios – que compensam pela descoberta do companheirismo no grupo – entram em cena, enquanto a Cia Aplauso relembra a emoção da primeira viagem pelo Nordeste e pela Alemanha. Pequenas decepções, como a constatação, no retorno, de que a vida não mudou por causa das turnês, também são mostradas no vigoroso espetáculo, que tem números de acrobacia, dança e música. O humor se contrapõe a situações de tensão, como a apresentação em um presídio. O empenho em permanecer na companhia, mesmo sem ter recursos para pagar a passagem de ônibus, gera uma cena divertida e emocionante.

Entusiasmo e boa vontade

“Este foi o primeiro trabalho de criação conjunta que fiz. Durante um mês, recolhi depoimentos, distribuí questionários. Dali saiu um texto dramaturgicamente extremamente fiel aos relatos dos integrantes da Cia Aplauso. Uma das principais características deste grupo é a criatividade e o empenho na busca do próprio aprimoramento. Eles têm entusiasmo e boa vontade, o que foi fundamental para alcançarmos este resultado, a que chegamos com a orientação do Gilberto Gawronski e supervisão do Wilson Cunha.”

João Batista,
responsável pela dramaturgia

A solidariedade

“Eu não tinha o cartão que dá gratuidade na condução. Para não perder os ensaios, temendo me desligar do grupo, passei a caminhar mais de três horas, da Zona Portuária até o Jardim América, onde moro. No dia seguinte, um colega caminhou até o Caju, a meu lado, pela Avenida Brasil. Em uma semana, já éramos um grupo, que seguia andando por quilômetros. Ficou bem mais divertido. Dias depois, conseguimos os passes para o ônibus”, conta Wallace Lima, 22 anos.

A compreensão do mundo

Para Lu Fogaça, 23 anos, o espetáculo “saiu de dentro” de cada integrante da companhia, o que traz autenticidade e vigor à apresentação. “A cada nova peça, sentimos que estamos incorporando novas técnicas que não ficam apenas no palco, mas que passam para nossa compreensão do mundo. Levar ao público o nosso dia-a-dia, a nossa rotina, usando nossa própria linguagem, é um ato de reconhecimento à seriedade deste projeto”, diz Lu.

Anote

Todo Mundo É Mundo será apresentada durante o mês de novembro, todas as sextas-feiras e sábados, no Galpão Aplauso (Rua General Luís Mendes de Moraes, 50, Santo Cristo, rua de desembarque da Rodoviária Novo Rio. Fone: 2233-6648). O local tem estacionamento gratuito. Aos sábados, há condução também gratuita da Zona Sul para o Galpão. Às 20h30, sairá um ônibus do Jockey Club, no portão da Praça Santos Dumont. A condução está incluída no preço do ingresso, que custa R\$ 10.





É samba na veia,

A história
do samba
contada por
meio da
biografia de
um de seus
mestres

é Candeia

Para contar a história de um 'bamba', o Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil recebeu uma nova ambientação: em vez de poltronas, os espectadores de *É Samba na Veia, é Candeia* se instalam em mesas e podem tomar cerveja e caldinho de feijão, como se estivessem em uma roda

de samba no quintal da casa do compositor Antônio Candeia Filho. "Queríamos apresentar um espetáculo dentro da atmosfera descontraída de um fundo de quintal, permitindo à platéia, inclusive, levar sua cervejinha para a mesa", diz o diretor André Paes Leme, convidado a montar o texto premiado

de Eduardo Rieche, que venceu o Seleção Brasil em Cena 2007, o concurso nacional de dramaturgia promovido pelo CCBB do Rio de Janeiro.

Resgate

Depois de 18 anos de carreira como ator, Rieche afirma que não poderia ter estréia melhor como dramaturgo. Transformar Candeia em protagonista de sua peça foi uma idéia que surgiu ao conhecer aspectos da vida do compositor, que defendia a valorização da cultura africana e do samba de raiz. "Candeia foi um dos artistas a lutar pela autenticidade no samba, tendo um papel além da carreira musical, que iniciou aos 17 anos, ao vencer a disputa de sambas-enredo da Portela, em 1953. Fico muito emocionado em ver essa homenagem a ele no palco no ano em que se completam 30 anos de sua morte", diz Eduardo Rieche.

André Paes Leme, que admite ter uma ligação "tímida" com o samba, recorda-se que, na infância, ouvia sua mãe cantar *O Mar Serenou*, canção de Candeia gravada por Clara Nunes. "Sou mais de ouvir MPB, mas Candeia é um compositor riquíssimo. A peça é um resgate importante, pois, embora cultuado pelos especialistas, Candeia caiu no ostracismo. Uma das atribuições da dramaturgia é de aproximar as artes como um todo, e isso está no espetáculo", diz André Paes Leme.

Visionário

Jorge Maya, que já trabalhou em musicais como a recente montagem de *Gota D'água*, é quem vive o compositor, considerado por ele

um visionário ao prever o declínio das escolas de samba. "Fazer Candeia é um desafio e uma oportunidade única porque ele foi uma figura muito grande. Sinto que ele ainda está muito vivo na imagem das pessoas", explica Jorge. Patrícia Costa, neta de um dos fundadores da Portela e duas vezes vencedora do Estandarte de Ouro de passista feminino, interpreta Leonilda, a mulher de Candeia. Mas a maior parte do elenco é de estreantes, escolhidos por testes, seguindo uma das determinações da Seleção Brasil, que é a de indicar novos talentos para o mercado.

Pagode no quintal

Respeitado no meio do samba, Antônio Candeia Filho tornou-se popular em 1975, quando Clara Nunes, uma mineira que adotou a Portela, gravou *O Mar Serenou*, que vendeu mais de 500 mil discos. A história pessoal sofrida – era policial e ficou paraplégico, depois de atingido por um tiro na coluna – não o levou jamais a esmorecer. Passou a dedicar-se mais à carreira musical, iniciada quando a Portela obteve a nota máxima em todos os quesitos de desfile de carnaval, ao som do samba enredo *Seis Datas Magnas*, uma parceira de Candeia com Altair Prego. A dificuldade de locomoção fez com que se recolhesse na casa, em Jacarepaguá, onde comandava animados pagodes em seu quintal. Descontente com os desfiles, que se modificavam em função das transmissões pela televisão, afastou-se da Portela e fundou a *Escola de Samba Quilombo*.

Clandestinos

A história em comum de jovens artistas que sonham fazer sucesso na cidade grande

Por Olga de Mello



Em 1985, o pernambucano João Falcão, que já firmara seu nome como autor e diretor teatral em Recife, mudou-se para o Rio de Janeiro com o firme objetivo de investir em sua carreira. Depois de um ano fazendo “de tudo um pouco, exceto sucesso”, voltou para casa. O retorno ao Rio deu-se cerca de 13 anos mais tarde, quando começou também o reconhecimento por seus trabalhos em teatro, cinema e na televisão. “Aquele tempo de sonho e de dificuldades na cidade grande é comum a muitos jovens artistas”, afirma João, que construiu a partir de suas lembranças o enredo de *Clandestinos*, sua nova peça que chega ao Teatro Glória interpretada por 12 atores estreantes, escolhidos entre três mil inscritos em todo o Brasil.

Passados 23 anos de sua primeira tentativa de estabelecer-se na cidade grande, João Falcão aponta para a semelhança de suas experiências com as dos artistas que está dirigindo. “O jovem agüenta tudo na

luta pelo sonho. Eu, por exemplo, dormi algumas vezes dentro de ônibus circulares porque não tinha onde passar a noite”, recorda o escritor. Todos se dirigem preferencialmente ao Rio de Janeiro, já que é aqui que se concentram as produções de televisão. “É a televisão que espalha, que pulveriza esses sonhos pelo Brasil inteiro. Então, eles correm para cá, alguns com apoio da família, mas muitos apenas com a cara e a coragem”, diz ele, que custou a decidir a forma de falar sobre esse período comum na vida de tantos artistas.

Nasce uma Companhia

“Eu não sabia se queria fazer um filme de ficção, um documentário, uma peça. Mas queria tratar dos caminhos e descaminhos dos jovens e acabei optando por uma oficina gratuita, abrindo inscrições para todo o País, da qual sairiam esses novos talentos.” Nasceu assim a Companhia Instável de Teatro, que, como diz o próprio nome, não tem

qualquer planejamento estabelecido para um futuro a médio prazo.

“Pode ser uma companhia formada apenas por esses atores ou, então, por artistas vindos de outras oficinas. O importante é que o grupo tenha a fala do contemporâneo, da busca pela renovação. A ação teatral é instável por si só. Depende da chuva lá fora, depende da platéia. Tenho muita vontade de que esta companhia seja frutífera”, afirma João Falcão.

Dos três mil concorrentes, 400 foram selecionados para testes que tomaram mais de 12 horas, cinco dias seguidos. “A escolha foi difícilíssima, porque havia muita gente talentosa, bem mais do que eu poderia absorver”, lamenta. Os atores escolhidos têm entre 18 e 26 anos e vêm de diferentes regiões brasileiras. “Mas há cinco que são do Estado do Rio. Da própria cidade, de Niterói, São Gonçalo e São Pedro da Aldeia. Não era pré-requisito ter nascido ou vivido em outro lugar”, esclarece o autor e diretor.

Em busca de uma chance

Clandestinos são aqueles artistas que ainda não chegaram ao mundo do show business, mas estão na iminência de entrar em cena. A busca pelo sucesso no teatro, televisão ou cinema é o sonho de todos, porém, enquanto são “quase famosos”, eles fazem cursos de interpretação e trabalham nas mais diversas funções, sem deixar de ensaiar peças. Alguns conseguem fazer figuração ou entrar em comerciais, mas a maioria tem que se virar, contando com o apoio de amigos, à espera de uma chance.



Determinadas pessoas Weigel

Esther Góes vive
a atriz Helene,
militante política e
mulher de Brecht

Por Olga de Mello

Ao lado do dramaturgo alemão Bertold Brecht, sua mulher, a atriz austríaca Helene Weigel (1900/1971), nunca foi uma mera coadjuvante. A trajetória de Helene, a vida no exílio com Brecht e a luta que o casal empreendeu contra o nazismo e pelos ideais socialistas, além da utilização da arte teatral para a conscientização política, estão em *Determinadas Pessoas - Weigel*, em cartaz no Teatro Sesc Ginástico até dezembro. Esther Góes, que divide a autoria da peça com o filho Ariel Borghi, protagoniza o monólogo, vivendo Helene, fundadora do *Berliner Ensemble*, companhia que buscava o exercício de um teatro crítico.

“A postura de Weigel não deve ser esquecida. Ela e Brecht conviveram com os grandes acontecimentos do século XX que continuam repercutindo até hoje, estabelecendo um paradigma para todos os que criam artes cênicas no mundo. A obra deles está presente até hoje no teatro mundial. No momento em que se celebra uma estética voltada para o externo, é importante resgatarmos a arte que se edifica na resposta aos acontecimentos, à história. A única maneira de trabalhar, para mim, é indo de encontro à realidade da condição humana, uma condição que só pode ser vista através da história”, diz Esther Góes, que vê em Helene Weigel uma representante da geração de mulheres que, nos anos 20 do século passado, pretendeu mudar o mundo.

>>

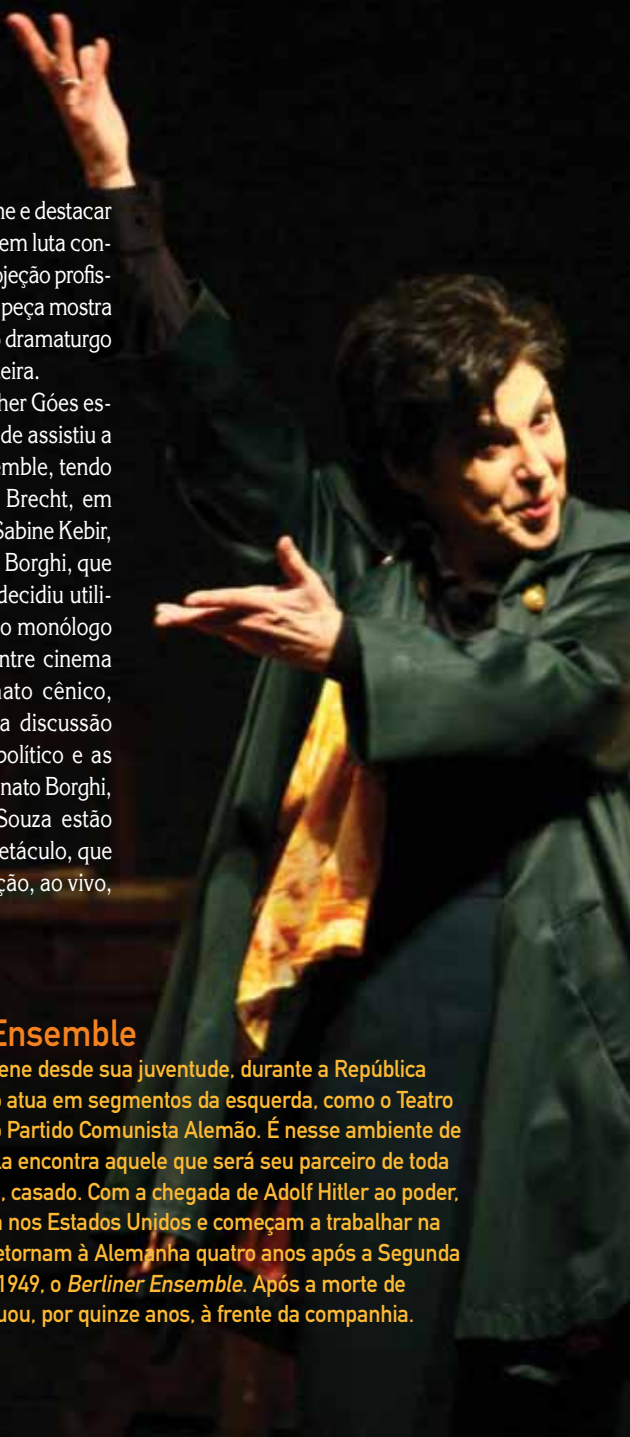
>> **Contraponto**

Além de contar a vida de Helene e destacar sua importância como militante em luta contra o machismo da época, sua projeção profissional e a parceria com Brecht, a peça mostra o lado humano do casal, já que o dramaturgo teve diversas amantes a vida inteira.

Na pesquisa para o texto, Esther Góes esteve na Alemanha, em 2006, onde assistiu a apresentações do Berliner Ensemble, tendo visitado a casa de campo dos Brecht, em Buckow. Lá também conheceu Sabine Kebir, biógrafa de Helene Weigel. Ariel Borghi, que dirige o espetáculo, conta que decidiu utilizar vídeos que complementam o monólogo para propor um contraponto entre cinema e teatro, tecnologia e artesanato cênico, progresso e humanismo – uma discussão que marcou o universo sócio-político e as artes no século XX. Os atores Renato Borghi, Henrique Schafer e Eucir de Souza estão nos vídeos que compõem o espetáculo, que conta ainda com uma participação, ao vivo, de Paulo Del Castro.

E nasce o Berliner Ensemble

A peça narra a trajetória de Helene desde sua juventude, durante a República de Weimar (1919-1933), quando atua em segmentos da esquerda, como o Teatro Proletário de Erwin Piscator e o Partido Comunista Alemão. É nesse ambiente de criação política e estética que ela encontra aquele que será seu parceiro de toda a vida: Bertold Brecht, na época, casado. Com a chegada de Adolf Hitler ao poder, em 1933, Brecht e ela se exilam nos Estados Unidos e começam a trabalhar na indústria cinematográfica. Só retornam à Alemanha quatro anos após a Segunda Guerra Mundial, fundando, em 1949, o *Berliner Ensemble*. Após a morte de Brecht, em 1956, Helene continuou, por quinze anos, à frente da companhia.



N ã O P E R C A

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A fruta e a casca

“Uma delicadíssima interpretação sobre a obra de Machado de Assis, com Helena Varvaki e Bianca Comparato dividindo um dos mais intrigantes personagens do escritor, Capitu. Destaco também a cenografia e os figurinos criados por Letícia Ponzi”.

Paulo Betti, ator

Determinadas pessoas

“A peça traz Esther Góes em mais uma de suas magníficas atuações. Este lindo espetáculo, além de contar com todo o brilhantismo da estrela, é uma aula. Conhecer a figura histórica e a importância de Helene Weigel para a arte é imprescindível. Um trabalho fantástico!”

Flávia Monteiro, atriz



Opereta carioca

“É daquele tipo de espetáculo para se assistir mais de uma vez. Um roteiro inteligente, interpretações deliciosas e uma direção precisa. Um deleite!”

Suely Franco, atriz

Farsa

“O trabalho de pesquisa de Marcos Breda e Luiz Arthur Nunes, sobre as diferentes formas de comédia, tem rendido espetáculos deliciosos. Nada é gratuito nessas peças curtas de autores consagrados como Cervantes, Martins Pena, Tchecov e Molière, mestres da forma teatral”.

Guilherme Leme, ator



7 - O MUSICAL

Misturando elementos de contos-de-fada com música de Ed Motta, a nova produção de Cláudio Botelho e Charles Möeller discute envelhecimento, amor e perda sob a ótica feminina. Texto e direção: Charles Möeller. Com Alessandra Maestrini, Ida Gomes, Zezé Motta, Rogéria, Eliana Pittman. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes s/n, Centro) Fone: 2232-8701. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 30.

ADORO MOZART!

O mistério da vida é questionado por dois vizinhos, que encontram respostas na música de Mozart. Texto: Francis Ivanovich e Maurício da Costa. Direção: Francis Ivanovich. Com Marcelo Matos e Adriana Zattar. Teatro Pinheiro Guimarães (Rua Silveira Martins, 151, Catete). Fone: 2245-2775. Sexta, 22h. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

ADVOCACIA SEGUNDO OS IRMÃOS MARX

Uma advogada corrupta e seus preguiçosos assistentes tentam dar golpes nos clientes que os procuram. Texto: Bernardo Jablonski. Direção: Fabiana Valor e Bernardo Jablonski. Com Heloísa Perissé, Marcelo Adnet, Fernando Caruso. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terças e quartas, 21h. R\$ 40.

AQUARELAS DE ARY

Musical relembra a carreira de Ary

Barroso. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Marcos França, Alexandra Dantas e Cláudia Ventura. **Sala Baden Powell** (Av. Nossa Sra. de Copacabana 360, Copacabana). Fone: 2548-0421. Sábado e domingo, 19h. R\$ 10.

BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTE

Charles Möeller e Cláudio Botelho fazem uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Gottscha, Marya Bravo e outros. **Teatro Leblon, Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta, 18h; sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

AS CENTENÁRIAS

Duas carpeideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta, sexta e sábado, 21 h. Domingo, 20 h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.); R\$ 70 (sáb.).

CONTANDO MACHADO DE ASSIS

Antonio Gilberto e José Mauro Brant



completam a trilogia baseada em obras de mestres da literatura apresentando os contos *Missa do Galo* e *Mariana*, além de fragmentos de *Dom Casmurro*. **Centro Cultural Justiça Federal** (Avenida Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 19h. R\$ 20.

CLANDESTINOS

Comédia. Jovens artistas chegam ao Rio em busca de uma chance profissional. Texto e direção: João Falcão. Com a Cia Instável de Teatro, criada a partir da seleção de artistas estreantes. **Teatro Glória** (Rua do Russel 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 4.

DETERMINADAS PESSOAS - WEIGEL

Esther Góes vive a atriz alemã Helene Weigel, fundadora, ao lado de Bertolt Brecht, do Berliner Ensemble. Texto: Esther Góes e Ariel Borghi. Direção: Ariel Borghi. **Teatro Sesc Ginástico** (Av. Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4027. Sexta a domingo, 19h. R\$ 24.

OS DIFAMANTES

Maria Clara Gueiros e Emilio Orciollo interpretam um casal de apresentadores de um talk-show sobre celebridades de televisão. Texto: Martha Mendonça e Nelito Fernandes. Direção: Ernesto Piccolo. **Teatro do Leblon, Sala Tonia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone:

2529-7700. Quinta a sábado, 21h30; Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.)

É SAMBA NA VEIA, É CANDEIA

Musical sobre Antônio Candeia Filho mostra aspectos da vida do sambista que lutou pela valorização dos negros e a preservação das origens do samba. Texto: Eduardo Rieche. Direção: André Paes Leme. **Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10.

ENSAIOS DE MULHERES

Os bastidores de uma decadente orquestra feminina. Texto: Jean Anouilh. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônaco. **Teatro dos Quatro** (Rua Marques de São Vicente 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Terça e quarta, 21h30. Quinta, 17h. R\$ 40.

ENSINA-ME A VIVER

Glória Menezes é Maude, mulher de quase 80 anos que festeja a vida diariamente e faz amizade com Harold, rapaz rico e depressivo. Texto: Colin Higgins. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: João Falcão. Com Arlindo Lopes, Ilana Kaplan, Fernanda de Freitas e Augusto Madeira. **Teatro Leblon, Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui.), R\$ 70 (sex.), R\$ 80 (sáb. e dom.).

ESTAÇÃO VITÓRIA

Paschoal Villaboim e Bruno Rocha apresentam quatro peças curtas de Harold Pinter: *Estação Vitória*, *A Nova Ordem Mundial*, *Monólogo* e *Precisamente*. Direção: Bruno Rocha. Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20.

FARSA

Coletânea de peças cômicas e curtas de Cervantes, Tchecov, Molière e Martins Pena. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com Marcos Breda, Mario Borges, Gabriel Wainer. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6044. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 21h. R\$ 60 (sex.e sáb.) e R\$ 70 (dom.).

ÀS FAVAS COM OS ESCRÚPULOS

Bibi Ferreira estrela a comédia de Juca de Oliveira como a mulher de um senador da República que descobre que o marido tem uma amante. Direção: Jô Soares. Com Gracindo Júnior, Bárbara Paz, Neusa Maria Faro e Daniel Warren. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h, Domingo, 20h30m. R\$ 80 (qui.,sex. e dom.) e R\$ 100 (Sáb.).

A FRUTA E A CASCA

Helena Varvaki e Bianca Comparato vivem Capitu nesta peça inspirada no clássico *Dom Casmurro*, de Machado

de Assis. Texto e direção: Manoel Prazeres. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

LEOPOLDINA – CARTAS E RELATOS

Drama inspirado na figura histórica de Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo, princesa da Áustria e imperatriz do Brasil. Concepção e Direção: Hugo Rodas. Com Patrícia Niedermeier e Rafaela Amado. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Terça a sábado, 21h. Domingos, 20h. R\$ 25 (ter. a sex.). R\$ 30 (sáb. e dom.).

A MENTE CAPTA

Uma psiquiatra convive com seus pacientes nesta comédia de Mauro Rasi, um marco do teatro besteirol na década de 1980. Direção: João Batista. Com Henrique Manoel Pinho, Jô Abdu, Cristina Moraes. **Teatro Sesi** (Rua Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4166. Quinta a domingo, 19h30. R\$ 20.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Texto e interpretação Paulo Gustavo. Mulher aposentada e sozinha procura o que fazer, já que seus filhos logo não necessitarão mais de seus cuidados. Direção: João Fonseca. **Teatro Miguel Falabella** (Avenida Dom Helder Câmara, 5332, NorteShopping, Cachambi). Fone: 2597-4452. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40.



MONSTRA

Autora de livros de auto-ajuda, interpretada por Patrícia Travassos, é a prova viva de que seus ensinamentos não funcionam muito bem. Texto: Patrícia Travassos. Direção: Jorge Fernando. Com Ricardo Duque e Daianny Cristian. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-1095. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 60 (qui. e sex.). R\$ 70 (sáb. e dom.).

A MULHER DO CANDIDATO

A comédia de Walcyr Carrasco conta a história de um político que se apaixona pela voz de uma mulher que ouve ao telefone. Direção: Cininha de Paula. Com Giuseppe Oristânio, Mel Lisboa, Anselmo Vasconcellos. **Sala Azul do Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square, Barra da Tijuca). Fone: 3325.1645. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 50 (qui., sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.).

A NOVIÇA REBELDE

A história de amor entre uma jovem noviça e seu patrão, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, tornou-se um dos mais populares musicais da

história. No Rio, a superprodução é assinada por Cláudio Botelho e Charles Möeller. Com Héron Capri, Kiara Sasso, Vera Canto e Mello, Fernando Eiras. **Oi Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2511-0800. Quarta, quinta e sexta, 20h30. Sábado, 16h e 20h. Domingo, 16h. R\$ 60 a R\$ 120 (qua.). R\$ 90 a R\$ 150 (qui. e sex.). R\$ 120 a R\$ 180 (sáb. e dom.).

OPERETA CARIOCA

O musical de Gustavo Gasparani conta o romance entre a Cabrocha e o Malandro através de diferentes tipos de samba. Direção: João Fonseca. Com Soraya Renvele e Gustavo Gasparani. **Centro Cultural Veneza** (Av. Pasteur 184, Botafogo). Fone: 3079-9779. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60

PÁSSARO DA NOITE

Monólogo em que Luana Piovani interpreta uma mulher anônima em situação de total solidão. É sua primeira incursão no teatro adulto. Texto: José Antônio de Souza. Direção: Marcus Alvisi. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Sexta e sábado, 23h30. R\$ 80,00.

O PATRÃO

Rodrigo Santana criou e dirigiu esta comédia em que ele interpreta o dono de uma rede de supermercados que despreza seus empregados. Com Ana



Lavanderia
Flor de Copacabana

Rua Siqueira Campos, 239-B
Fone: (21) 2255-1533



Araújo. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30,00 (sex. e dom.) e R\$ 35,00 (sáb.)

POR QUÊ NÃO?

Dois atores, prestes a entrar em cena, analisam o momento em que se decide dar uma grande virada na vida para vivê-la plena e intensamente. Texto: Luciano Luppi. Direção: Lígia Ferreira. Com Monique Lafond e Sérgio Miguel Braga. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523 9794. Terça a quinta, 20h30. R\$ 30.

SESSÃO DA TARDE

O musical de Flávio Marinho mostra, através de 38 sucessos da Jovem Guarda, os encontros e desencontros amorosos dentro de uma lanchonete onde uma turma de adolescentes se reúne. Estão lá o *bad boy*, a mocinha, o bom e tímido rapaz e a jovem rebelde, mostrando as referências de uma época em que a ingenuidade era a tônica nos relacionamentos. Direção: Flávio Marinho. Direção musical: Liliane Secco. Com Flávia Rinaldi, Giselle Miranda, Haline de Oliveira, Karen Keldani, Kiko do Valle, Maurício Baduh, Pablo Ascoli, Ricardo Nunes e Victor Maia. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente 52, Gávea). Fone: 2274.7246. Quinta, 21h30. Sexta e sábado, 19h. R\$ 50 (qui.e sex.) e R\$ 60 (sáb.).

SEMPRE VALE A PENA

A comédia com esquetes que falam sobre o relacionamento entre casais, vizinhos, amigos, psicanalistas e pacientes, entre outros. Texto: Maria Fernanda Gurgel; Direção Márcio Vieira. Com Ângela Britto, Carla Pompilio, Windemberg Melo e Flávio Carriço. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Domingos, 18h. R\$ 30.

SOH

Inspirada nos mitos cosmogônicos e no Zen-Budismo, a Cia Teatro da Transcendência conta a lenda da Mulher da Saturno e a guerra por ela travada para retomar seus filhos. Texto e direção: Camila Diehl. Com Viviane Paganini, Ricardo Galvão, Átila Bezerra, Camila Diehl, Rafael Ramadan e André Gomes. **Teatro da Transcendência** (Rua Pedro Américo 45 - Sobrado, Catete). Fone: 2554-6784. Sexta a domingo, 21h. Segunda, 20h. R\$15.

TODO MUNDO É MUNDO

O quinto espetáculo da Cia Aplauso conta a história de seus integrantes, a descoberta da arte como instrumento para a inserção social e fortalecimento de valores. Dramaturgia: João Batista. Direção: Gilberto Gawronski. Supervisão: Wilson Cunha. Galpão Aplauso (Rua General Luís Mendes de Moraes, 50, Santo Cristo). Fone: 2233-6648. Estacionamento no local (rua de desembarque da Rodoviária Novo Rio). Sextas e sábados, 20h. R\$ 10.

Delícias asiáticas

No coração do bairro de Santa Teresa, nossa Montmartre carioca, está o restaurante **Ásia**, em um casarão supercharmoso de quatro andares e com uma das vistas mais bonitas da nossa Cidade.

O atendimento é muito bom e simpático, sem ser pretensioso. Iniciamos com uma seleção de Dim Sum, que, em cantonês, quer dizer “toque no coração”. E é isso mesmo – eu diria até mais: é um toque especial no paladar.

O rolinho de pato, apesar de frito, tem uma leveza sem igual. Há os fritos e os no vapor, no qual se destacam também delícias de camarão e de shitake.

As sopas são ótimas, tanto as de milho, com carne de caranguejo e ovos, quanto as acre-picantes, com camarão e tomate aromatizado com capim-limão.

Nos pratos principais, o Thai Green, curry tailandês verde com camarão, é divino; e o prato de gengibre, com cebola, alho, cebolinha e camarão, também deixará você encantado com a combinação dessas várias especiarias e cozinhas asiáticas.

As sobremesas são maravilhosas: experimente a tortinha quente de coco. Para quem gosta, há sagu com açúcar mascavo e leite de coco.

As porções são pequenas, o que tem uma ótima vantagem: você poderá saborear de tudo um pouco e se deliciar com a *expertise* dos três *chefs* malaios.

Restaurante Ásia
Rua Almirante Alexandrino, 256,
Santa Teresa.
Fone: 2224-2014



Sessão da Tarde

Os romances da juventude cantados pela Jovem Guarda

Se a Jovem Guarda nunca foi levada a sério pelos críticos musicais, o movimento que sacudiu os adolescentes na década de 1960 soube retratar com leveza e ingenuidade a alma dos jovens arrebatados e apaixonados, mais preocupados com namoros inconseqüentes do que com a situação política do País. É aquele clima descompromissado, mas cheio de paixão, que surge no palco do Teatro Vanucci quando o elenco de *Sessão da Tarde*, o novo musical de Flávio Marinho, entra em cena para contar uma trama utilizando apenas as letras de sucessos de Roberto e Erasmo Carlos, Márcio Greyck, Eduardo Araújo e Wanderléa, entre outros astros da Jovem Guarda.

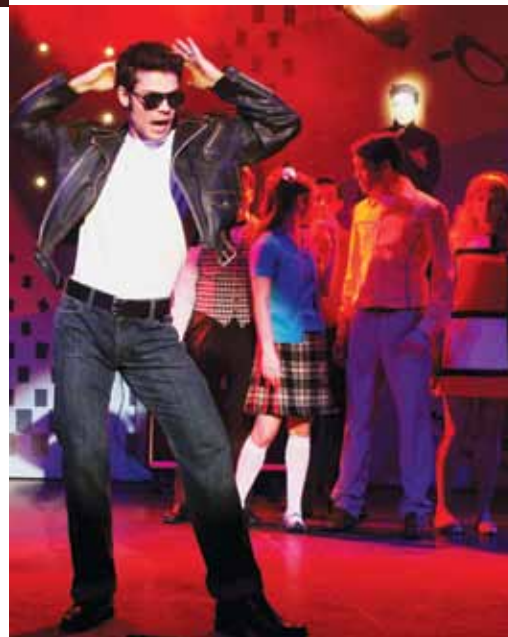
Flávio Marinho, que também dirige o espetáculo, acalentava a idéia de um musical sobre a Jovem Guarda, uma referência de sua infância e pré-adolescência. “Eu sempre comentava isso. Um dia, o Marcelo Sebá disse que produziria o espetáculo. Foi quando eu quis inovar, optando pelo encadeamento de letras de canções para contar uma história sem diálogos, dentro de um cenário que conheci bem, de uma lanchonete semelhante às que eu freqüentava na Rua Augusta, em São Paulo. Agora, que está no palco, parece simples, mas exigiu muita pesquisa, pois a peça não é um show disfarçado, todos os números são dramatizados”, conta Marinho.

Memória musical

É na lanchonete, com fotografias de astros do rock e do cinema da época nas paredes, que se encontram os jovens casais que correspondem a arquétipos retratados nas canções da Jovem Guarda. Há a mocinha (Giselle Miranda), o mocinho (Pablo Ascoli), a melhor amiga (Karen Keldani), os *bad boys* (Ricardo Nunes e Kiko do Valle), a *bad girl* (Flavia Rinaldi), o bamba (Victor Maia) e a mascote da turma (Haline de Oliveira). O único ‘adulto’ em cena é o garçom da lanchonete, interpretado por Maurício Baduh. “Os personagens não têm nome, mas representam figuras daquela época, que emocionam a platéia de cinquentões e também aos pré-adolescentes,

que acompanham com atenção os encontros e desencontros dos casais. É comum, ao fim do espetáculo, as pessoas contarem que se viram no palco, que já viveram situações como as que estão na peça”, diz o autor.

A diretora musical Liliâne Secco, que já trabalha com Flávio Marinho há 14 anos, procurou imprimir um toque de humor na interpretação das músicas, todas escolhidas pelo escritor. “Era um roteiro musical pronto, ao qual apenas acrescentei poucas alterações vocais. O público sai cantando, porque aquelas melodias estão na memória musical dos mais antigos ou chegaram aos jovens pelas regravações de músicos da atualidade”, diz Liliâne.



A moda conta a história

Os figurinos de Ney Madeira trazem ícones da moda na década de 60, como as blusas de gola alta (rolé ou cacharrel), saias quadriculadas enfeitadas por imensos alfinetes de segurança, meias-arrastão ou 3/4, casaquinhos de balon. O *bad boy*, que entra no palco pilotando uma motocicleta, veste o modelo consagrado por Marlon Brando anos antes em *O Selvagem*: casaco de couro, camiseta branca e calça jeans. As amigas da mocinha usam vestidos curtos, com abertura lateral, superpostos a shorts. Destaca-se também o vestido com padronagem em quadrados coloridos, imitando as pinturas de Mondrian – uma linha criada por Yves Saint Laurent em 1965.

OS DIFAMANTES



Uma reflexão divertida sobre o culto às celebridades

Por Olga de Mello

Quem critica aqueles que buscam a fama a qualquer preço também pode estar escondendo um desejo sublimado de estar sob os holofotes. Será que não? Tal dúvida é o mote do enredo de *Os Difamantes*, comédia dos jornalistas Martha Mendonça e Nelito Fernandes, em cartaz na Sala Tonia Carrero, no Teatro Leblon. Na peça, um casal cria um *talk*

show analisando o mundo dos famosos, mesmo temendo que o sucesso do programa os transforme em celebridades. “É um exercício bem-humorado sobre este momento da sociedade, que concede valor a algumas pessoas que sequer apresentam um trabalho consistente para justificar a fama obtida”, diz Ernesto Piccolo, que dirige o espetáculo.

Assédio

Para Maria Clara Gueiros, protagonista da comédia ao lado de Emílio Orciollo, há uma mudança nos valores atualmente: “não consigo compreender essa vontade de ser famoso apenas pela fama. Comecei no teatro e jamais havia imaginado que ficaria conhecida”. A atriz estranha tanto o excesso de exposição quanto a abordagem por desconhecidos. “É um fenômeno bastante assustador, que pode nos levar facilmente à futilidade. De repente, nos tornamos interessantíssimos para todos, que vêm puxar assunto em qualquer lugar. O assédio do público é um prazer, mas a invasão da privacidade incomoda”, diz.

Emílio Orciollo, que também é produtor da peça, acha importante a reflexão sobre o tema, principalmente para os artistas. “Não se trata de desdenhar quem vende a alma para ficar conhecido, porém é impossível levar a sério essa compulsão pela fama. Há quem goste disso, existe um mercado com espaço para as celebridades. Eu prefiro não levar isso tão a sério assim”, afirma o ator. Já Ernesto Piccolo, atualmente trabalhando como ator e diretor, diz que a vivência no meio artístico, iniciada na infância, não foi o bastante para torná-lo uma celebridade: “Não sou galã, não causo *frisson*”, diz ele, que prefere preservar sua privacidade e se sente constrangido até em posar para fotos.

De olho na fechadura

Os autores, que são casados, tiveram a idéia da comédia há cerca de quatro anos, quando assistiam a um programa sobre celebridades na televisão. “No palco está uma

situação que nós vivemos. Nós adoramos ficar vendo esses programas na tevê e especularmos sobre essas personalidades que, muitas vezes, são totalmente desprovidas de interesse para boa parte do público. Houve um momento em que surgiu um estranhamento, ao concluirmos que estávamos ficando acostumados à falta de conteúdo desses programas. Foi quando imaginamos um casal recebendo as celebridades em sua própria casa”, diz Martha.

Para Nelito Fernandes, a “fama pela fama” é um fenômeno movido pela curiosidade de um público que se contenta em apreciar pessoas bonitas ou interessantes, sem esperar que elas contribuam cultural, social ou economicamente para o mundo. “E esta curiosidade está em todos os meios sociais. Nós temos uma visão crítica, mas nos divertimos com a cobertura jornalística que as celebridades recebem”, diz Nelito.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

CENA ABERTA



Francisco Cuoco,
John Herbert, Eva
Wilma, Leina Krespi e
Carminha Brandão em
"Boeing Boeing", Teatro
Copacabana, 1965